Cem anos de um evento

FERNANDO CÂMARA (*)

Entusiasta que sou do passado histórico de minha família, não poderia deixar no esquecimento o centenário do feliz enlace matrimonial de meus saudosos avós maternos, José Bougival e Thereza Christina Saraiva Leão, decorrido no dia 3 de maio último.

O auspicioso acontecimento teve lugar em Quixeramobim, terra natal dos jovens nubentes, os quais eram primos legítimos, sendo ela descendente da estirpe Saraiva Leão da fazenda Jericó e filha legítima do major da Guarda Nacional, José Galdino e de sua esposa e prima Felismina Auta (Mãe Mimina).

Já o meu avô José Bougival, a quem nós, os seus netos, o chamávamos de Paiúi, era filho do antigo magistrado, Dr. Antônio Benício Saraiva Leão Castelo Branco, 1º Juiz de Direito da Comarca de Baturité e natural da tradicional fazenda Santa Tereza, na época pertencente ao município de Catolé do Rocha, na Paraíba.

Dizem as crônicas de nossa família que desde crianças eles se amavam, e quando ela contava apenas 13 anos de idade, já estavam noivos.

Atesta isto uma fotografia dele, datada de 1890, para a ditosa prima, com esta dedicatória: "À minha querida noiva."

O certo é que naquele distante 3 de maio de 1896, sob as bênçãos do santo vigário, Mons. Salviano Pinto Brandão, o meu avô José Bougival unia-se pelos laços matrimoniais à prima Tereza Augusta, nome que depois ele a fez mudar para Thereza Christina, embora ela se tornasse conhecida na família por Tetezinha.

Em plena lua de mel, minha avó Tetezinha teve necessidade de vir até Fortaleza e aqui chegando demorou a enviar notícias

(*) Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

para o esposo sedento de amor. Este, temperamental como era, não se conteve e passou o seguinte telegrama: "Por que você não me escreve, diabo?"

Fixando residência na fazenda Jericó, em Quixeramobim, ali nasceram os primeiros filhos do casal, dentre eles, a minha inesquecida mãe, Thereza Heloísa.

Posteriormente, foram residir em Pedra Branca onde o meu avô trabalhava em uma usina de beneficiamento de algodão, de propriedade dos seus cunhados, Francisco Assis Bezerra de Meneses (mais tarde proprietário da Tipografia Minerva) e Antônio Furtado de Mendonça e Meneses (tio Furtadinho, esposo de minha tia-avó Matilde Alice).

Naquela cidade vieram ao mundo outros filhos do ditoso casal, sendo um deles, o meu tio e sogro João Antônio Saraiva Leão, pai de minha amada esposa Tetezinha.

O negócio não prosperou e a usina de algodão foi vendida a estranhos, indo o meu avô e família residirem em Baturité, trabalhando naquela cidade como funcionário da Saúde Pública.

Através de amigo influente, obteve a sua nomeação para Coletor Estadual em Quixeramobim, sendo mais tarde promovido para Canindé, ali vivendo os seus últimos dias e falecendo em 6 de julho de 1937.

Sua esposa, a minha saudosa avó Tetezinha, já havia falecido no dia 12 de maio de 1933, vítima de acidente de caminhão, quando retornava de Fortaleza para Canindé.

Neste mesmo ano de seu trágico falecimento, nascia uma sua neta, que em sua homenagem receberia o seu nome e apelido. Dela herdaria também as excelsas virtudes e mais tarde se casaria com um primo legítimo, o autor destas linhas.

Voltando a falar em meu avô, ele não teve maiores estudos, além do primário, feito em Quixeramobim com o Professor José Remígio de Freitas, latinista de renome em sua época. Era dotado, porém, de certo nível cultural.

Meu pai, disse-me, em certa ocasião, que o ouviu saudando de improviso o então bispo do Crato, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, quando este se encontrava em Quixeramobim visi-

tando os seus familiares. Ficou admirado dos conhecimentos que ele possuía e da maneira segura como se expressava.

É de sua autoria este soneto dedicado à esposa, quando em 3 de maio de 1926 completaram 30 anos de enlace matrimonial:

À MINHA MULHER

Não lamentes mulher a minha aflição,
Nessa luta terrível da existência,
Tendo sempre de Deus sua clemência
E da Virgem seu amor e compaixão!

Quizera viver mais humilhado
Carregando sozinho a cruz do meu calvário
Tendo dias mais tristes e amargurado
Vendo-a, porém, sempre feliz no meu Sacrário

Tenho comigo um anjo e não mulher
Uma esposa amiga, desvelada e santa
Que me fascina, me seduz e me encanta

Me orgulho de vê-la sempre assim,
Chorando na tristeza e rindo-se na alegria,
Outra mulher tão boa o Céu não me daria!

Este soneto retrata fielmente uma verdadeira confissão de amor e gratidão de meu avô Bougival Leão para com sua amada esposa e prima, quando comemoravam 30 anos de vida em comum.

Recordando hoje o centenário desta tão feliz união conjugal, reverenciamos eu e minha querida esposa Tetezinha, com todo amor e carinho, a memória destes nossos avós, na certeza de ambos se encontram juntos a Deus-Pai, velando por todos nós, seus descendentes!